

DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ -
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ – COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE *ANDROMEDA* | ANDRÓMEDA – SETOR IX

A exploração da constelação de *ANDROMEDA* | ANDRÓMEDA – Setor IX encerra o registo da Expedição... num novo Setor de Andrómeda, uma frota de múltiplos exploradores, com novos e renomados Capitães.

Foi uma exploração vasta por um território composto, sobretudo, por ilhas ou pequenos arquipélagos. Os encontros culturais e as trocas de experiências foram o denominador comum. Mesmo se apenas na partilha de um alimento, ou na oferta de um gesto ou lenda.

De lendas e recolhas de outras explorações se faz, aliás, boa parte do que compõe este Setor. Explorar, por vezes, é também ouvir e conhecer o que outros vivenciaram.

*Ao anónimo anotador das descrições,
pertencem os itálicos que pontuam os textos.*

CANTARLANDE

Passei muitos dias em alto mar, até que parei numa ilha onde encontrei uma placa que dizia: “Cantarlande”. De repente, o meu telemóvel começa a dar sinal. Estava com internet! Pesquisei e descobri, então, que em “Cantarlande” não falam: cantam a rimar. Os habitantes eram conhecidos como os cantarlandeses. Eram pessoas alegres, cultas e viviam felizes naquele sítio.

Nas escolas, os alunos utilizavam umas canetas especiais (que escreviam muito rápido) e os livros, assim como aqueles que folheámos na nossa escola, não existiam, todos os alunos tinham um aparelho portátil (muito parecido com o meu tablet) onde encontravam todos os conteúdos e ainda uma aplicação para esclarecimento de dúvidas. As disciplinas, entre outras, eram a dança, o desenho (no computador) e cantarnês (língua oficial da ilha). A atividade extracurricular das meninas era a patinagem artística no gelo e a dos meninos era hóquei no gelo. Mas havia um projeto onde todos os alunos tinham que estar envolvidos – “Cantarlande Limpa”. A supervisão da compostagem era da responsabilidade dos alunos assim como a reciclagem dos diferentes materiais. Nos tempos livres plantavam árvores e cuidavam dos jardins.

Toda aquela gente adorava dançar, mas, também, cultivar os seus próprios alimentos e principalmente saborear os tradicionais e deliciosos pratos. Eles alimentavam-se de saladas, muitos vegetais, muito peixe e muitos alimentos biológicos. Ao lanche, comiam frutos suculentos acabados de colher nos pomares.

Todos os habitantes tinham de usar, sempre, uma camisola personalizada que os identificava em qualquer ponto da ilha. A ilha de Cantarlande era muito desenvolvida a nível da tecnologia, a maior parte das pessoas trabalhavam em informática e na criação de programas cada vez mais avançados. Os jardins e os campos pareciam um arco-íris. O céu estava sempre com um azul magnífico e com nuvens de formas e feitios variados, como que a sorrir, porque aquelas pessoas viviam felizes. Muito mais haveria para conhecer, mas tinha chegado a minha hora. Voltei a entrar no meu barco e continuei a minha aventura...

Título: Descrição Anotada das Viagens d’O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães

Sub-título: Andrómeda – Setor IX

Autores: Acácio Lourenço, Aline Veiga, Artur Bento, Beatriz Cardoso, Diogo Santos, Filipe Rodrigues, Gabriel Gonçalves, Gabriela Pereira, Gonçalo Almeida, Guilherme Pinto, Helena Moreira, João Duro, Luís Capela, Malikson Emedi, Manuel Castilho Macário, Maria Francisca Lopes, Mariana Rodrigues, Matilde Santos, Miriam Vicente, Nádia Ramos, Rodrigo Gomes, Tomás Oliveira [Escola Básica da Ribeira, 4.ºB (Andrómeda – Setor IX)]

Design e Ilustração: Miolo e Meio, Ida.

Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

O Projeto-Piloto de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival “Mescla”, a 07/07/2019.

A Fase 1 de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” iniciou-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.

projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/

Viseu. Junho, 2020.

A ILHA DO DINOSSAURO GUARDIÃO

Já tinham passado horas e horas e não havia sinal de terra. De repente, um forte rugido acordou a tripulação. Diosanto – *o Capitão desta parte da Expedição* – nem queria acreditar! Depois de tanto tempo no mar e de tantas descobertas maravilhosas, tínhamos chegado a um lugar nunca antes visitado por humanos.

Os navios aproximaram-se silenciosamente. Estava muito nevoeiro e Diosanto liderava o grupo. Chegámos a uma floresta que tinha muitas árvores diferentes e passámos por animais que nem sabíamos que existiam. Voltámos a ouvir um rugido assustador. Seguimos esse barulho que nos levou até uma gruta. Mas, nem queríamos acreditar no que os nossos olhos viam: era verde, verde como as folhas das árvores e com olhos enormes!

– Está vivo Capitão!

– É magnífico. É um dinossauro vivo. Afinal a lenda é verdadeira.

Na altura em que vivia na China, o Capitão tinha ouvido a história de um dinossauro que protegia o tesouro de um reino perdido. Nunca ninguém imaginou que seria verdade.

Atrás daquele animal que todos pensámos que estava extinto, surgiu uma luz tão brilhante que quase ofuscava todos os marinheiros. Era um tesouro, o maior e melhor tesouro de todos os tempos!

O Capitão disse-nos que todos adorariam ouvir a história da nossa aventura quando regressássemos a casa. Mas... o que aconteceu, de facto, foi que contámos que tínhamos descoberto uma cidade nova perto da China, mas que o povo não era amigável. Assim, outros exploradores não se aproximariam da ilha e o tesouro manter-se-ia seguro.

Entre nós, prometemos nunca divulgar a verdadeira localização da ilha na qual o dinossauro era guardião.

A LINALLÂNDYA

Jenny era uma aventureira e uma admiradora de animais. Certo dia decidiu partir em busca de novas terras e animais, enfim de novas aventuras. A viagem não foi fácil. Os temporais e a agitação do mar não deixavam os marinheiros descansar. Jenny estava tão cansada que quando ao longe avistou algo nem queria acreditar: era uma ilha. Navegaram nessa direção. Atracaram o barco e a capitã foi a primeira a pisar terra. Logo viu um cartaz a dizer “Linallândya”. Uma equipa foi fazer o reconhecimento da ilha. Passadas algumas horas todos puderam desembarcar. Era uma ilha maravilhosa, com uma beleza nunca vista e onde o silêncio era rei. Uma fonte, no meio daquele verde, chamou-lhes a atenção. Também, ela, tinha um nome, Magicleta, assim como o poder de dar felicidade sem fim a todos os que bebessem da sua água.

Um dos habitantes da ilha contou que há muitos anos atrás, o mar, a quem chamavam Gretrumfity, não vivia feliz e, por consequência, não queria que os outros habitantes fossem felizes. Certo dia, um morcego que estava com muita sede foi beber um golinho à fonte Magicleta. Após ter saciado a sua sede, notou que se sentia muito mais feliz. Foi a correr contar à mulher e aos seus filhos onde tinha ido beber tanta felicidade. À mulher, que não parava calada, saltou-lhe da boca a proveniência da felicidade do seu amado esposo e toda a ilha ficou a saber.

Gretrumfity, o mar, ao saber disso, quis logo ter esse poder. Pediu aos seus amigos, morcego e pelicano, para o ajudarem a obter um pouco de água de Magicleta. A fonte deixou-os beber da sua água. Até lhes disse para levarem a que quisessem. O mar ficou com toda a água que o pelicano levou no bico e conseguiu, finalmente, ficar feliz.

Gretrumfity e a Magicleta juntaram-se e formaram aquele mar com grandes poderes, onde acontecem aventuras mágicas.

(Jenny embarcou com a sua tripulação, regressou a casa e contou-me esta história.)

A ILHA DA BALEIA PROTETORA

Após vários dias a navegar, finalmente, a tripulação avistara terra. Assim que atracaram o barco, toda a tripulação começou a explorar a ilha, na tentativa de procurar alimentos. A estadia por aquelas terras iria prolongar-se e já tinham esgotado todos os mantimentos armazenados.

Após terem passado por uma grande área de vegetação tropical, eis que foram surpreendidos por uma enorme estátua, em forma de baleia! Escondida entre tantos coqueiros, bambus e inúmeras bananeiras, a estátua era admirável, uma verdadeira obra de arte.

– Mas o que é isto, meu Capitão? – Interrogou um dos marinheiros.

Antes de o Capitão responder uma voz desconhecida afirmou: – É a nossa deusa! – Respondeu um senhor com alguma idade e com ar sábio. Depois de se apresentar a todos aqueles visitantes como Chefe da tribo que habitava a ilha, tranquilamente começou a contar a lenda associada à dita baleia.

“Há muitos, muitos anos, os habitantes desta ilha eram frequentemente atacados por barcos piratas que vinham em busca de alimentos. Após vários anos de luta, num dos ataques, a tribo avistou o barco pirata a retroceder na trajetória. A curiosidade fez com que concentrassem os seus olhares no mar e foi então que viram uma baleia a circundar o barco. A baleia era gigantesca e fez frente aos piratas, fazendo um buraco no casco do mesmo. A partir desse dia todos os barcos piratas que se aproximavam da ilha tinham à sua espera a baleia, pelo que se afastavam.”

Continuou o Chefe, dizendo que tinha sido essa a forma da tribo sobreviver, pois, quando eram atacados, ficavam sem alimentos. Por isso, para agradecer toda a proteção dada pela baleia os seus antepassados resolveram erguer uma estátua em homenagem à baleia. Ao fim do dia, a tripulação foi convidada para um jantar oferecido pela tribo e, na manhã seguinte (...)

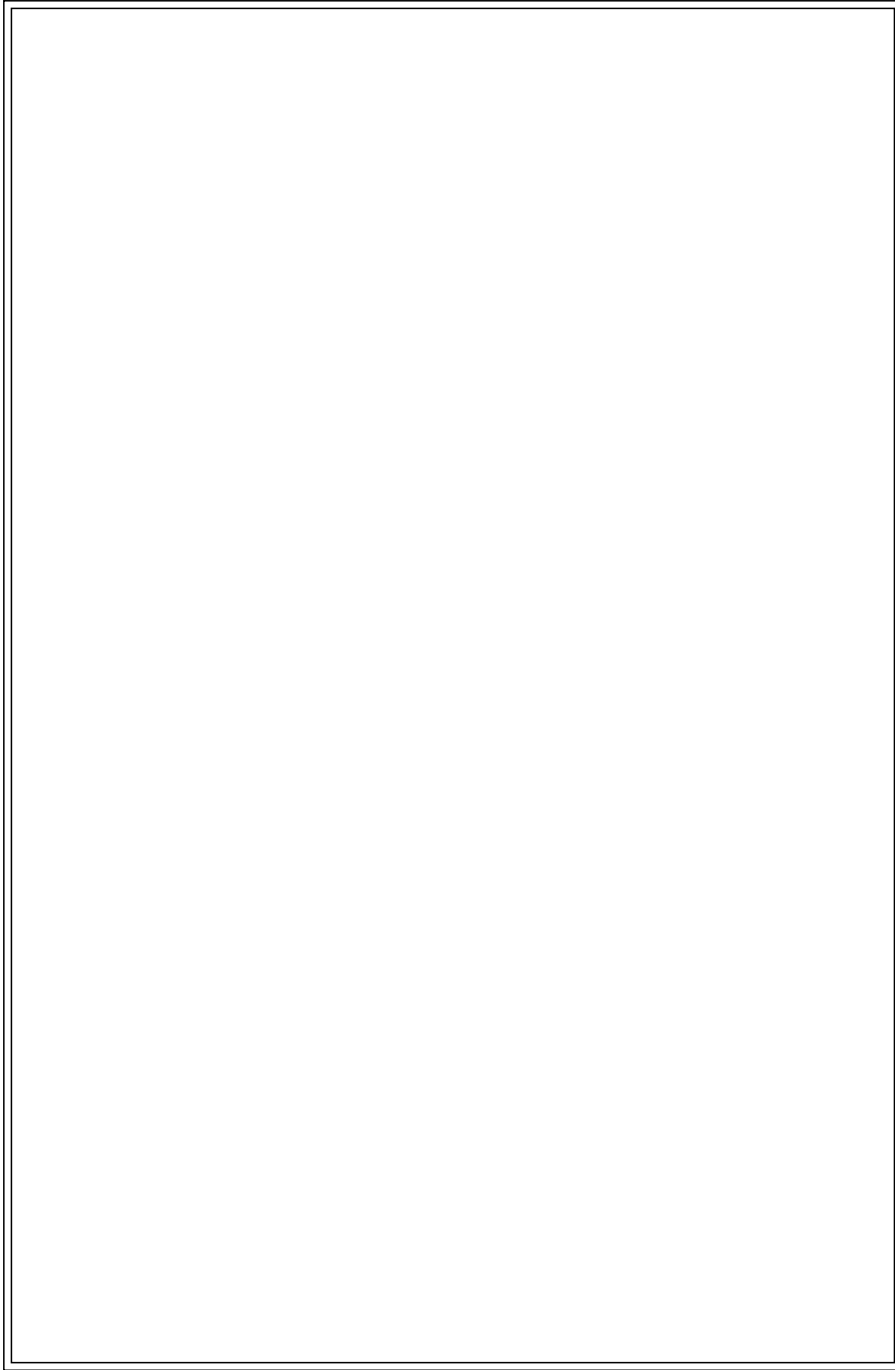
O MUNDO PALITO

{Páginas recuperadas do Diário de Lucamões e entregues à Expedição:}

Ainda era muito cedo, mal se via o sol. Quando cheguei à beira mar, tirei o barco à vela da minha carroça, pu-lo na água, entrei com os mantimentos e os meus binóculos e parti. Era meio-dia em ponto, quando comi o salmão que pesquei acompanhado com um arrozinho e um molho especial. À tarde, vi uma coisa fantástica, uma enorme e linda baleia azul que saltou por cima do meu barco. Ainda lhe consegui tirar uma fotografia.

Deitei-me às 07:30 da manhã, mas só dormi uma hora, pois o mar estava agitado e eu tinha de estar à espreita. Voltei a ter a visita de outra baleia azul, mas esta estava com as crias. Também vi um cardume de golfinhos que procurava comida, então dei-lhes alguns dos meus peixes. À noite, num daqueles momentos em que fecho os olhos para descansar, estava numa ilha e encontrei um grande tesouro. No entanto, para o abrir era preciso uma chave especial que estava dentro de um vulcão... Acordei aflito... Tinha sido um sonho!...

A minha viagem continuou até que avistei uma ilha. Peguei nos binóculos e observei, mas via tudo muito desfocado. Finalmente cheguei. Foi então que vi uma placa: “Bem-vindo ao mundo palito”. Estava escrito em português! Comecei a andar pelo meio da ilha e só via vegetação. De tão cansado que estava, decidi apanhar alguma fruta e sentar-me a descansar. De repente, apareceu à minha frente um grupo de guerreiros tão altos e magros que pareciam palitos. Vestiam roupas enormes e andavam descalços com os pés palito. Subitamente, um deles perguntou-me de onde tinha vindo e eu contei-lhe a minha aventura. Também eles narraram como tem sido a vida deles naquela ilha. Esta primeira conversa foi a primeira de muitas que tivemos. Por fim, quando chegou o dia da partida tirei uma fotografia com os meus amigos “palitos” para que não duvidassem de mim quando eu estivesse a contar esta aventura!!!



A ILHA DOS AMORES

Certo dia o Inácio Fagundes decidiu fazer uma grande viagem por mar. Ele navegou até à Ilha dos Amores. Durante a sua viagem enfrentou uma grande tempestade, mas conseguiu vencê-la.

Quando chegou à Ilha dos Amores ficou deslumbrado com a sua beleza. Naquela ilha a água do mar era tão verde como uma esmeralda, as árvores eram gigantes e de várias cores. Havia pássaros com penas enormes de cores estranhas e bicos compridos em forma de boca. Também existiam humanos gigantes com cabeças grandes, olhos arregalados, braços e pernas muito longos e pés em forma de barbatanas.

O navegador Fagundes permaneceu nessa ilha por algum tempo. Até que um dia avistou no mar uma bela sereia e ficou logo apaixonado.

Todas as manhãs ia visitá-la e ficavam a conversar durante muitas horas. A sereia contava-lhe o que via e o que fazia no fundo do mar e o Fagundes desenhava na areia como eram as coisas na Terra. Mas, um dia esperou, esperou e ela não apareceu. E muitos foram os dias que continuou à espera e a sua linda sereia nunca mais foi vista.

Triste e cheio de saudades da sua amiga especial resolveu regressar à sua terra.

Com muito entusiasmo contou aos seus amigos a grande aventura que viveu na Ilha dos Amores e que jamais esquecerá.

{Um desses amigos era o responsável pelo Arquivo da Exploração e assim conhecemos a sua História.}

A ILHA DESERTA

Um dia convidei o meu amigo Filipe Pé-Curto para me acompanhar numa grande aventura. *{Juntámo-nos à Expedição}* no meu barco à vela e partimos mar dentro à descoberta. Navegámos em águas calmas, mas um dia o mar enfureceu-se e fomos abalados pela tempestade “Hugo”. As velas do nosso barco ficaram desfeitas, aliás, ficou tudo destruído.

Mas arregaçámos as mangas e, com muita força e coragem, trabalhámos horas sem fim. O cansaço venceu-nos e acabámos por adormecer. No dia seguinte, quando acordámos estávamos junto a uma ilha, uma ilha deserta!

Ficámos espantados, pois essa ilha estava rodeada de palmeiras da cor do fogo e, quase a tocar o céu, havia também animais com sete cabeças, oito olhos, seis patas e três caudas, mais pareciam monstros. As árvores que aí existiam tinham frutos com formas estranhas.

Como estávamos esfomeados tirámos um coco, mas este sabia a chocolate. Que esquisito! Quando anoiteceu fizemos uma fogueira para nos aquecermos. Subitamente, começámos a ouvir sons lá ao longe, que se iam aproximando de nós. Num instante ficámos cercados por índios anões que pulavam à nossa frente, imitando macacos.

Cheios de medo fugimos a sete pés em direção ao nosso barco. Não conseguimos deixar aquela ilha, pois o nosso barco tinha sido invadido pelos índios-anões. Depois de muitas tentativas lá conseguimos que eles abandonassem o nosso barco e nos ajudassem a fazer algumas reparações. O nosso medo transformou-se em amizade.

Por fim, despedimo-nos com a promessa de um dia voltarmos.

SACOLÂNDIA

Nessa longa viagem à volta do mundo, pelo mar, encontrei uma ilha chamada Sacolândia. Então resolvi explorá-la e deparei-me com uma rua que se chamava Rua Saco. Aí, as pessoas, os animais, as árvores e as casas eram feitas de sacos transparentes.

– Que estranho! É tudo transparente, como é que conseguem ter privacidade? – Pensei eu.

De repente surgem duas crianças que se aproximaram de mim com um olhar esquisito e perguntaram-me quem era e como tinha chegado à ilha.

– Eu sou um viajante que ando a conhecer o mundo, por isso vim parar aqui. – respondi.

Eles apresentaram-se também: – Eu sou o Sadi e ele é o Sedi. – Respondeu o Sadi sem papas na língua.

Por essa altura, estava cheia de fome mas não sabia o que comer. Disse-lhes isso, ao que eles responderam que deveria segui-los. Certamente iria gostar da sua comida, afirmaram.

A comida tinha aspeto gelatinoso, pegajoso e cheirava a lama. Ao olhar senti-me enjoada e com receio de provar. Mas, depois de tanto insistirem comigo, e como a fome era tanta, comi e até gostei. Quando estava para vir embora surgiu um animal corpulento, com dentes afiados, olhos assustadores, orelhas pontiagudas e patas enormes. Fiquei muito aterrorizada, mas as crianças acalmaram-me dizendo que os animais da ilha eram estranhos, mas não perigosos.

O Sadi e o Sedi ficaram muito tristes por eu ter que deixar a ilha e continuar viagem.

Então deram-me uma carta onde estava escrito assim:

○○△△×○○×

que queria dizer: “Volta novamente à nossa ilha, por favor!”

BUBBLE WONDERFUL

Fui de barco a um país que não tinha nome. Enquanto procurava um tesouro, bati numa porta enterrada. A mesma abriu-se e eu entrei. Era um mundo fantástico, chamado Bubble Wonderful.

Vagueei sem destino. Fui-me apercebendo que os habitantes não eram todos iguais, alguns eram ursos, outros polvos, estrelas, nuvens, unicórnios (que utilizavam cartolas) e bonecos de neve, entre outros. Eles comiam diferentes alimentos. Fruta e legumes mas também outros pouco saudáveis. Não bebiam água, mas sumos. Havia um fruto chamado amelendia que era produzido em grande quantidade, pois tinha uma vitamina especial da qual todos os habitantes daquele país precisavam. Os transportes eram unicórnios, carros, golfinhos, papagaios e papa-formigas. Os animais domésticos eram cobras com as patas dianteiras de tigre e as patas traseiras de elefante, tinham asas e tronco de tatu e a cauda era de golfinho.

O presidente daquele país era muito popular e chamava-se Squis-quinotetiquitiquiafer III. A bandeira tinha uma bolha. O dinheiro era o escudo, o escudinho, o escudão, o piano e o cêntimo, que era o mais valioso. Os dias demoravam 366 dias terrestres e a noite demorava um milésimo do segundo terrestre. As aulas tinham a duração de dois minutos terrestres, mas os livros tinham oitenta mil folhas. Utilizavam trinta e três camadas de roupa porque eram muito friorentos. A temperatura no verão era muito alta e no inverno muito, muito baixa. Não havia internet, mas tenretni e dava para jogar cinquenta jogos ao mesmo tempo. Para curar as feridas ou as doenças utilizavam um químico a que só aqueles habitantes tinham acesso.

Durante a minha estadia naquele lugar, a filha do presidente foi raptada pelo Limão Ácido, a Mosca Verde e as Ervas Daninhas. Também eu participei nas buscas e depois de muitas peripécias ajudei a salvar a princesa.

Não sei como ficou aquele país, mas gostava de lá voltar.

A ILHA DOS FLUFIS

Numa das minhas longas viagens na minha caravela por mar, a terras longínquas, visitei uma ilha chamada Ilha dos Flufis.

Essa ilha era habitada por seres muito pequeninos e muito divertidos. Eles eram cabeçudos, com olhos “bugalhudos”, nariz achatado, boca grande, pele bronzeada e pés muito pequeninos.

Quando cheguei à ilha eles aproximaram-se de mim aos saltos, mais pareciam cangurus, pois estavam muito ansiosos porque queriam saber quem eu era.

Mostraram-se muito simpáticos e quiseram que eu fosse conhecer a ilha onde eles habitavam. Fiquei estupefacta com a beleza daquele lugar. Era uma ilha pequenina, cheia de vegetação e arbustos de várias cores, tinha árvores minúsculas de frutos suculentos. Pelo ar esvoaçavam muitos pássaros com penas multicolores e bicos alaranjados. As casas dos Flufis eram muito baixinhas, coloridas e feitas de madeira. As janelas eram muito estreitas e as portas tão pequeninas, tão pequeninas, que só os anões podiam entrar.

Os Flufis falavam uma língua muito estranha que eu não compreendia, contudo conseguimos comunicar e tornámo-nos bons amigos.

Passado algum tempo veio um Flufi pequenino, de bochechas encarnadas convidar-me para ir a sua casa, conhecer a sua família e jantar com eles. (Conseguem imaginar como é que eu entrei na casa do Flufis!? Pois é, mas eu adorei aquela ilha e fiz por lá boas amizades que jamais esquecerei.)

O ARQUIPÉLAGO DAS MALDOSAS

Certo dia eu e o meu amigo Serafim Saudade decidimos fazer uma grande viagem de barco pelo oceano da Maldade. *{Afastámo-nos um pouco da frota da Expedição e seguimos.}*

Percorremos milhas e milhas em águas agitadas, turbulentas e tenebrosas, ultrapassámos rochedos gigantescos e assustadores no meio do oceano que mais pareciam monstros que nos queriam engolir.

– Que horror! Que horror! Que medo! Que medo, meu Deus! Socorro! – Gritámos nós.

A nossa caravela quase que se ia afundando. Até que de repente, a tempestade esvaneceu-se, o sol apareceu e os seus raios incidiram nas águas do mar e conseguimos continuar a nossa longa viagem. Lá ao longe avistámos várias ilhas e remámos até lá.

Ficámos espantados, pois aquelas ilhas eram conhecidas como as ilhas Maldosas. Fomos conhecê-las uma a uma. Todas tinham animais de diferentes espécies, muita vegetação, árvores com copas frondosas carregadinhas de frutos, que só de olhar faziam crescer água na boca.

As casas eram feitas dos vestígios deixados pelas lavas dos vulcões. Não deixavam de ser interessantes, mas um pouco assustadoras. Contudo, os habitantes dessas ilhas eram simpáticos e acolhedores, apesar do seu aspeto físico. Todos eles eram gigantes, de olhos dóceis, cabelos curtos e espetados, pés compridos e mãos enormes. Os gigantes quiseram saber o que fazíamos naquelas ilhas e quem éramos.

O meu amigo Serafim Saudade disse-lhes que andávamos a viajar e a descobrir novos rumos. Um deles gostou tanto de nós que quis vir connosco e assim, os três, partimos à descoberta de novas terras...

A ILHA DO MAR DOS TORPEDOS

Viajava pelo mar dos Torpedos há quatro meses. Um dia, da janela do meu barco, vi uma ilha azul com grandes anéis cor-de-rosa. Parei imediatamente o barco e preparei-me para ir conhecê-la.

Ao entrar na ilha deparei-me com um clima, uma paisagem e uns habitantes completamente diferentes. O clima era muito húmido, pois fiquei com a cara tão molhada que mais parecia baba. As paisagens assemelhavam-se a um filme de terror, era tudo tão escuro, tão sombrio, tão frio... Os habitantes eram os mais bizarros, tinham três cabeças, um olho, três narizes, três bocas, o corpo tinha a forma de um triângulo e nas costas umas grandes asas.

As casas eram enormes bolas azuis no ar. Na ilha existiam apenas duas grandes estradas cor-de-rosa. Depois de vários dias e semanas, aquele sítio começou a assustar-me. Não havia carros, eletricidade, lojas, animais, plantas, aviões e barcos. Não existia mesmo nada! Durante este tempo consegui sobreviver graças aos mantimentos que continha no barco.

Esta não foi a ilha mais maluca que eu já vi. Mas, certamente, a mais chata e cansativa, que eu vi em toda a minha vida.

(Para algumas pessoas esta viagem e estas descobertas podiam parecer retiradas de um *{sonho}* lunático psicótico qualquer. Mas só os verdadeiros navegadores corajosos e descobridores poderão acreditar e lembrar-se-ão do que se vive e do que se faz no imenso e turbulento oceano.)

A ILHA DOS LIVROS

Certo dia, decidi explorar o que havia para além daquilo que os meus olhos alcançavam... água.

Já tínhamos partido há alguns meses quando uma grande tempestade levou o meu barco a encalhar numa ilha desconhecida. Como eu era muito curioso, esperei que a chuva passasse para conhecer a ilha.

Deparei-me com uma ilha cheia de estantes carregadas de livros ilustrados, livros antigos e livros infantis.

Apeteceu-me ler os livros todos e ao folhear a primeira página do primeiro livro em que peguei saiu de lá um génio com uma lamparina mágica. Explicou-me que na ilha existiam centenas de livros mágicos e que todos os habitantes gostavam de ler, pois todos os livros tinham histórias encantadas nas quais todos podiam participar.

Peguei no livro do Capuchinho Vermelho e quando dei conta já me encontrava na floresta, ao pé do lobo-mau. Cheio de medo fugi a sete pés e saltei para a última página, onde o caçador já tinha apanhado o lobo e todos estavam felizes.

Ao cair dentro de outro livro, encontrei os sete anões que choravam a morte da Branca de Neve e pensavam que eu era o Príncipe Encantado, querendo que eu a beijasse para desfazer o feitiço. Mas, como eu não era um Príncipe Encantado, depressa saí dali e mergulhei num livro de banda desenhada onde não havia príncipes, nem lobos maus, mas sim muita diversão.

Percebi, rapidamente, porque é que os habitantes da Ilha dos Livros eram tão felizes. Todos os dias podiam participar em diferentes aventuras. Também eu vivi muitas peripécias enquanto permaneci naquela ilha.

(Despedi-me de todos os amigos que por lá fiz e quando cheguei a casa comprei dezenas de livros e coloquei-os numa grande estante. Quem sabe se um dia, também, se tornam mágicos?!)

FALLS GRAVITY

(...) De repente, avistei terra.

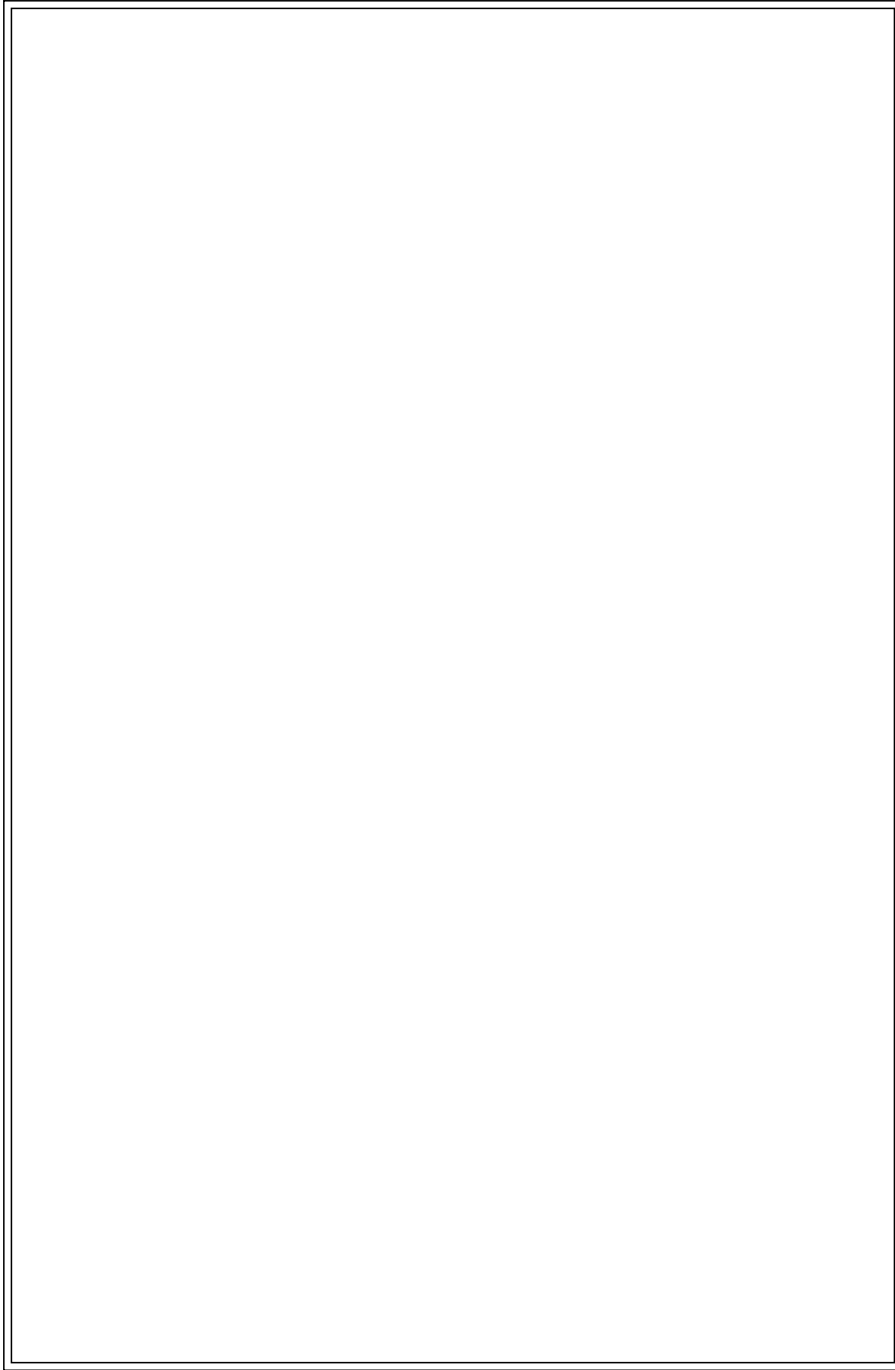
Tínhamos chegado a Falls Gravity. Tudo era diferente, só via anomalias por todo o lado. Havia olhos com patas de aranha, fogueiras andantes, uma estranha junção de um unicórnio e de um duende, e muito mais... Os habitantes eram metade extraterrestre e metade dragão. Viviam em montanhas.

Mas havia um rapaz completamente humano muito aventureiro chamado Nuno. O Nuno era um caçador de anomalias e ele vivia num castelo gigante que era guardado por um animal metade cão, metade aranha. O Nuno tinha um animal de estimação que era metade gato e metade coelho. Esse animal ajudava-o a fazer todas as tarefas.

Quando eu cheguei a Falls Gravity, o Nuno chamou as suas anomalias para me revistarem. Eles pensaram que eu era um monstro por estar sujo. Prenderam-me numa prisão de titânio maciço onde tinha uma taça com água a dizer “Água para a fera” e uma taça com aranhas a dizer “Ração para a fera”.

Felizmente, naquele preciso momento, lembrei-me que eu tinha na mochila uma tesoura que cortava tudo, por isso cortei as grades e fugi. No entanto, tive que passar por vários portões de aço e finalmente cheguei à saída, mas encontrei um animal metade lobo, metade dragão e tive que lutar com ele. Foi uma batalha atribulada, mas consegui derrotá-lo. Infelizmente o Nuno foi por um atalho que ia dar a um lago e atirou-me para dentro do lago. Foi quando se apercebeu que eu era um humano, logo atirou-se para o lago de forma a poder salvar-me. Finalmente, eu e o Nuno ficámos amigos e tivemos que lutar em conjunto contras várias anomalias e ninguém nos derrubava porque juntos fazíamos uma equipa imbatível.

No final, tive que me ir embora, mas prometi ao Nuno que um dia nós iríamos encontrar-nos.



A NOSSA ILHA

Estava a ser uma viagem maravilhosa, até que...

Algo estava a acontecer, o barco balançava de um lado para o outro, as ondas galgavam cheias de fúria no convés. De repente, sentimos que andávamos à deriva. Estávamos assustados, cheios de medo. Corríamos de um lado para o outro, sem sabermos o que fazer. Subitamente, avistámos um pequeno navio e pedimos ajuda lançando para o ar um foguete luminoso. O navio veio na nossa direção. No entanto, à medida que se ia aproximando apercebemo-nos que no mastro tinha uma bandeira de piratas. Eram homens feios, despen-teados e mal vestidos. Ficámos confusos, corremos e escondemo-nos dentro do barco.

Aqueles homens maus assaltaram o nosso barco e remexeram tudo. Quando nos encontraram, amarraram-nos as mãos atrás das costas com uma corda, vendaram-nos os olhos e levaram-nos com eles. A determinada altura os piratas começaram a discutir uns com os outros e apercebemo-nos que o motivo da discussão era decidir onde nos iriam deixar.

Depois de algum tempo, um pirata aproximou-se, puxou-nos com toda a força e atirou-nos ao mar. A nossa sorte foi que todos sabíamos nadar. Conseguimos chegar a uma pequena ilha. Recupe-rámos forças e fomos conhecer aquele lugar. Só encontrámos alguns frutos e lindas aves que voavam de ramo em ramo como que a dar-nos as boas-vindas.

Com o tempo habituamo-nos à vida naquela ilha. Era a “Nossa Ilha”! Construámos cabanas e alimentámo-nos de tudo o que a Natu-reza nos dava. Num dia em que os relâmpagos iluminavam o céu, vimos a silhueta de um navio no mar. A mesma aproximava-se aos poucos e poucos. Era mesmo um grande navio.

Com alguma tristeza deixámos a nossa ilha, mas regressámos ao nosso país para pudermos contar esta nossa aventura.

A ILHA DOS FUTÃ

Certo dia três amigos viram um barco. O barco estava coberto de algas e corais. Viram que aquele barco estava muito velho, mas ainda dava para fazer uma viagem. Partiram *{com a Expedição}*.

Durante a viagem encontraram uma ilha e decidiram visitá-la. Não tinham andado muito quando, de repente, viram uma grande gruta. Entraram. A gruta era muito escura e mal cheirosa. Acenderam uma tocha e viram dez cadáveres que estavam cobertos de teias de aranha. Mais para o interior da gruta viram muitos buracos de onde saíram muitas aranhas e cobras que os atacaram e morderam. As mordeduras eram inofensivas, por isso não lhes aconteceu nada. Continuaram a andar até que encontraram uma arca e pensaram que tinham encontrado um tesouro. Todos contentes correram para ela. Quando se aproximaram apareceu um Futã: tão grande e tão forte que partia ferro. Tiveram que lutar com ele. No chão, ao pé de um dos amigos, encontram um pedaço de madeira redondo e duro. Atiraram-no ao Futã e este ficou fraco e caiu.

Puderam assim aproximar-se da arca e ver o que havia nela. Quando a abriram, algo lá dentro começou a brilhar. Estava repleta de diamantes, ouro e esmeraldas. Pegaram na arca e foram para o barco. Quando chegaram à praia o barco tinha desaparecido, só lá estavam as cordas. Estavam na sua busca quando, de repente, por entre a vegetação da ilha, surgiram uns índios com uma cara muito ameaçadora. Ficaram com medo.

No entanto, um dos amigos conhecia muitas línguas indígenas e começou a falar com eles. Depois de muito diálogo ele explicou-lhes que tinham vindo passear de barco, que o mesmo tinha desaparecido e que precisavam de um para regressar a casa. Os índios com pena dos três amigos emprestaram-lhes um barco. Quando chegaram à cidade foram diretos ao museu. Ofereceram a arca com o tesouro e o museu, como agradecimento, deu-lhes uma recompensa *{e colocou no site esta descrição}*.

A ILHA DO HOMEM MÁGICO

Numa das minhas viagens pelo mundo, eu estava no meu grande barco vermelho a navegar em alto mar quando surgiu uma onda enorme que galgou e virou o barco.

Eu fiquei no meio do mar, no meu barco afundado. Já não respirava quando, de repente, voltei a mim. Estava debaixo de água, tudo era muito escuro e uma criatura estranha olhava para mim. O mágico do mar era essa criatura, metade homem metade polvo. Tinha-me devolvido a vida. Apressei-me a agradecer pelo que aconteceu.

A criatura puxou-me rapidamente para a superfície e levou-me para uma ilha. Essa ilha tinha umas árvores com um formato muito estranho, com folhas e frutos de cores diferentes. As pedras, quando tocávamos nelas, desfaziam-se. As casas eram feitas de metal e era tudo às cores. Os habitantes dessa ilha eram metade peixe e metade homem.

O homem mágico levou-me para casa dele e ofereceu-me o almoço. Ele tinha uma linguagem diferente mas comunicávamos por gestos. Eu percebi que algo o preocupava e tinha a ver com o mar. Mais tarde, juntamente com os outros habitantes, entendi que eles achavam que seriam atingidos por um tsunami e estavam com medo que a ilha fosse destruída. Então juntaram-se para pedir ao mágico do mar que fizesse uma das suas magias e salvasse a ilha.

O mágico disse que não tinha poder suficiente, dado tratar-se de um fenómeno natural, mas todos juntos poderiam pedir ajuda. Pediu-nos que fôssemos todos para a praia e deu início a uma cerimónia muito bonita. A água do mar iluminou-se com várias cores, os peixes saltavam tão alto que parecia que tocavam o céu e todos os habitantes cantavam uma bonita canção com uma suave melodia.

De repente, à nossa frente surge um grande navio com alguém a chamar por nós. Algo nos dizia que tínhamos de partir...

VILAVERDE

Eu e a minha amiga decidimos fazer uma viagem de barco. Não tínhamos destino, logo saberíamos. Ao fim de muitas horas avistámos um pedaço de terra. Ao chegarmos perto, reparámos que se tratava de uma pequena ilha. Descemos e fomos à procura de alguém que nos soubesse dar alguma informação.

Encontrámos uma senhora com um ar muito simpático e perguntámos-lhe onde estávamos.

– Bem-vindas à nossa Vilaverde. – Proferiu a senhora toda empolgada.

– Vilaverde? Que nome interessante!

Nós nem sabíamos que isso existia! Então, ela, explicou-nos que viviam lá duas mil pessoas e que as escolas, os restaurantes, os hospitais e o comércio eram auto-sustentáveis. Nesta terra longínqua, cheia de sol e de flores as pessoas andavam a pé ou de bicicleta. Não havia carros, nem autocarros. As pessoas alimentavam-se do que plantavam.

Continuámos o nosso passeio e reparámos que as pessoas tinham um ar feliz. As casas que eram pequenas para não ocuparem muito espaço, eram feitas de madeira, e tinham pequenas janelas cheias de flores. Parámos para comer num restaurante e ficámos maravilhadas com a decoração e com a comida. Tudo era feito com material reciclado.

Ao fim da tarde quisemos visitar o famoso lago de Vilaverde. Quando lá chegámos verificámos que era um grande lago com uma água tão cristalina que nunca tínhamos visto no nosso país. À volta desse lago tudo era verde. Muita gente estava sentada à sombra dos largos ramos das árvores a ler um livro. Era o momento da leitura para os mais pequeninos. Antes de partirmos fomos dar um mergulho. Até os peixes eram felizes.

Voltámos para casa a imaginar como seria bom se em todo o planeta fosse assim! Seríamos todos muito mais felizes!

A ILHA DOS BENFEITORES

Certo dia o explorador César Lu decidiu fazer uma viagem na sua caravela passando por vários oceanos. Ao longo da sua viagem enfrentou grandes tempestades no mar, mas um dia avistou uma porção de terra, uma ilha. Ficou tão entusiasmado e curioso que pensou logo em visitá-la.

Ao chegar à ilha deparou-se com um marco onde estava escrito: “Ilha dos Benfeitores”. Ficou admirado ao ver que aquele lugar já tinha sido descoberto.

Era uma ilha muito agradável e ao mesmo tempo um pouco estranha, pois as casas eram feitas com paus, os telhados com folhas, não tinham janelas, apenas uma porta muito pequenina por onde entravam os habitantes.

Havia muita vegetação onde predominavam os arbustos, flores com formas estranhas e de várias cores. Existiam também muitas árvores de fruto de espécies diversas e animais rastejantes. As pessoas alimentavam-se à base de fruta e peixe.

César Lu gostou tanto da ilha que ficou lá por algum tempo. Até que um dia pensou regressar à sua terra mas deparou-se com um problema: a sua caravela tinha afundado no mar.

Então César Lu começou a construir uma nova caravela, mas com um único pensamento: ficar a viver naquela ilha com os anões que se tornaram seus amigos.

{Um dia, enviou uma mensagem de volta a casa, por um navio que passou, contando esta aventura.}

A ILHA QUADRALÓIDE

Certo dia eu e o meu amigo Duarte Perna Longa resolvemos fazer uma grande viagem de barco pelo mar dos Cuquedos. Navegámos, navegámos sempre em águas calmas e quentes. Passado algum tempo encontrámos, no meio do mar, uma ilha em forma de um quadrado. Como ela não tinha nome resolvemos chamar-lhe a ilha Quadralóide.

Decidimos ver o que existia naquele lugar. Qual não foi o nosso espanto ao vermos muitas estátuas quadrangulares feitas de vidro, com representações de pessoas e animais. Também havia, naquele lugar, árvores de frutos com aspeto estranho e as pessoas eram todas de estatura pequena, cabeça quadrada, olhos alongados e boca grande. Ficámos muito assustados ao vê-las, mas estas aproximaram-se de nós e tentaram acalmar-nos. Quiseram saber quem éramos.

De repente, apareceu um animal gigantesco, com pescoço comprido, cabeça grande, cauda longa e patas quadradas.

– Que horror, que horror! – Gritámos nós.

Com tanto medo fugimos da ilha em direção ao nosso barco. Continuámos a nossa viagem por muito tempo e, quando regressámos a casa, maravilhámos os nossos amigos com as nossas aventuras.

A TERRA DOS FRUTOS MÁGICOS

Do meu grande navio avistei uma terra longínqua. Curiosa, segui para a explorar. Era uma terra muito colorida e cheirosa onde havia muita fruta como o melão, a banana, a amora, a maçã, a pera, a melancia, o ananás e muito mais.

Procurei, procurei e nada encontrava. Assustada parei e sentei-me no chão. Foi quando senti algo a mexer. Levantei-me e avistei um ser andante que vinha em minha direção. Muito admirada reparei que era um ser muito parecido com um abacaxi, mas com pernas e braços. Perguntei-lhe onde é que eu estava. Ele respondeu-me que estava na terra dos frutos mágicos. Surpreendida quis saber mais sobre aquele lugar.

A fome apertava e como os meus mantimentos tinham acabado pedi que me dessem algo para comer. Convidaram-me para almoçar com eles. Reparei que todos os pratos eram feitos à base de frutos, sopa de laranja, maçã frita com pêra e a sobremesa era uma salada de fruta. Só comi salada de fruta. Todos ficaram surpreendidos por eu não comer mais nada.

À tarde, aproveitei o tempo para explorar melhor aquele lugar. Encontrei muitas aves exóticas que esvoaçavam como que a darem-me as boas-vindas. Abeirei-me de um poço onde estava inscrito "Poço mágico". Os meus novos amigos, que me acompanhavam, contaram-me a história daquele poço. Era um poço mágico que fazia com que os frutos levitassem e fizessem coisas maravilhosas.

Em toda aquela ilha ouvia-se uma música maravilhosa. Era a orquestra dos frutos. Estava tão cansada que acabei por adormecer. No dia seguinte, de manhã cedo, preparei-me para partir. A família banana acompanhou-me até ao meu navio que me levaria até outras terras para fazer outras descobertas fantásticas.

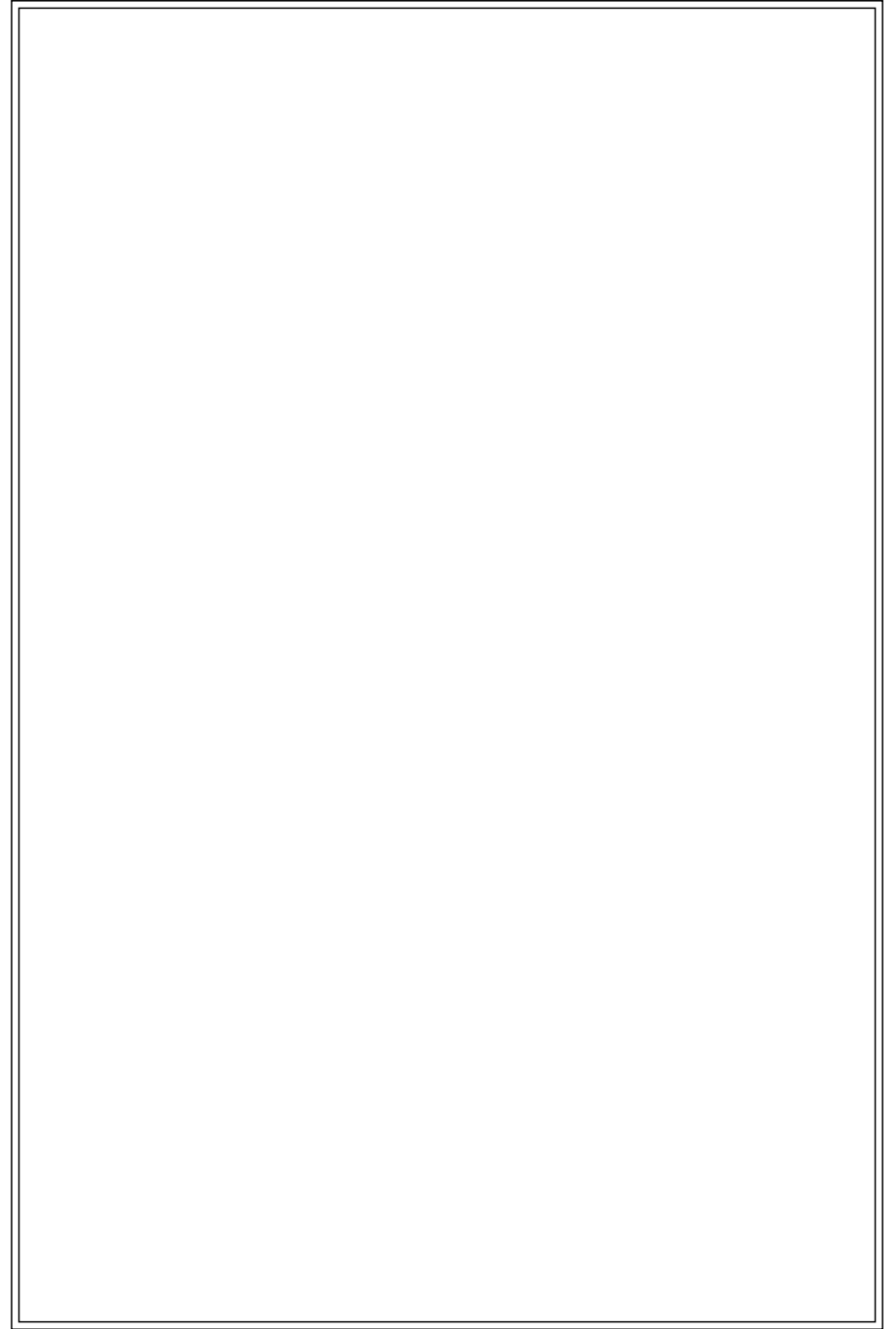
Despedimo-nos e eles convidaram-me para eu voltar sempre que quisesse.

A FLORESTA DO GIGANTE

Saí do navio e vi uma floresta muito grande. As árvores eram brancas e a floresta estava deserta. Continuei a avançar e não vi ninguém, até que cheguei a uma clareira.

Nessa clareira havia uma casa azul e, junto à porta da casa, um gigante muito simpático. Convidou-me a entrar. Ofereceu-me o lanche, mas eram lesmas e eu não comi.

Como não falávamos a mesma língua, não foi possível conversar... Agradei *(o lanche e a simpatia)*, despedi-me dele e regresssei ao navio.



O projeto “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães”, realizado com alunos dos 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas Grão Vasco (Viseu), é uma iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu, por ocasião dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.